

I. SONETOS

SONETO 1 (35-40)

ALEGRES CAMPOS, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;
Silvestres montes, ásperos penedos,
Compostos em concêrto desigual:
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.
E, pois me já não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas
Nem águas que correndo alegres vêm,
Semearei em vós lembranças tristes,
Regando-vos com lágrimas saudosas,
E na[s]cerão saudades de meu bem.

SONETO 2 (13-19)

ALMA MINHA gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

SONETO 57 (43-48)

OH! COMO se me alonga de ano em ano
 A peregrinação cansada minha!
 Como se encurta e como ao fim caminha
 Êste meu breve e vão discurso humano!
 Vai-se gastando a idade e cre[s]ce o dano;
 Perde-se-me um remédio que inda tinha;
 Se por experiência se adivinha,
 Qualquer grande esperança é grande engano.
 Corro após êste bem que não se alcança;
 No meio do caminho me falece;
 Mil vêzes caio e perco a confiança.
 Quando êle foge, eu tardo; e, na tardança,
 Se os olhos ergo, a ver se inda parece,
 Da vista se me perde e da esperança.

SONETO 58 (...-97)

OH! QUÃO caro me custa o entender-te,
 Molesto Amor, que, só por alcançar-te,
 De dor em dor me tens trazido a parte
 Onde em ti ódio e ira se converte!
 Cuidei que, pera em tudo conhecer-te,
 Me não faltasse experiência e arte;
 Agora vejo na alma acre[s]centar-te
 Aquilo que era causa de perder-te.
 Estavas tão secreto no meu peito,
 Que eu mesmo, que te tinha, não sabia
 Que me senhoreavas dêste jeito.
 Descobriste-te agora; e foi por via
 Que teu descobrimento e meu defeito,
 Um me envergonha e outro me injuria.

SONETO 59 (...-84)

ONDADOS FIOS de ouro reluzente,
 Que, agora da mão bela recolhidos,
 Agora sôbre as rosas estendidos,
 Fazeis que sua beleza se acre[s]cente;
 Olhos, que vos moveis tão docemente,
 Em mil divinos raios incendidos,
 Se de cá me levais alma e sentidos,
 Que fôra, se de vós não fôra ausente?
 Honesto riso, que entre a mor fineza
 De perlas e corais na[s]ce e parece,
 Se na alma em doces ecos não o ouvisse!
 Se, imaginando só tanta beleza,
 De si, em nova glória, a alma se esquece,
 Que será quando a vir? Ah! quem a visse!

SONETO PLAGIADO
DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

E-DE SÚBITO nalma incompreendida,
Esta mágoa, esta pena, esta agonia;
Nos olhos ressequidos a sombria
Fonte de pranto, quente e irreprimida.

No espírito deserto, a impressentida
Misteriosa presença que não via;
A consciência do mal que não sabia,
Aparecida, desaparecida...

Até bem pouco, era uma imagem baça.
Agora, neste instante de certeza,
Surgindo claro, como nunca o vi!

E nesse olhar tocado pela graça
Do céu, não sei que angélica pureza,
— Pureza que não tenho, que perdi.

ÚLTIMA CANÇÃO DO BECO

BECO QUE CANTEI num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(Mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!

Vão demolir esta casa,
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!

Beco de sarças de fogo,
De paixões sem amanhã,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

Não aquella inocencia, e piedade,
Com que pedio perdão aos pés lançada
D'el-Rei teu pai, que teve tanta força
Que lho deu já chorando. Mas aqueles
5 Cruéis Ministros seus, e Conselheiros
Contr'aquelle perdão tam merecido
Arrancando as espadas se vão a ela
Traspassando-lh'os peitos* cruelmente;
Abraçada com os filhos a matáram.
10 Que inda ficaram tintos do seu sangue.

IFANTE

Que direi? que farei? que clamarei?
O' fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
O' minha Dona Inês, ó alma minha,
Morta m'es tu? morte houve tam ousada
15 Que contra ti podesse? ouço-o, e vivo?
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!

Morte cega, mataste minha vida,
 E não me vejo morto? Abra-se a terra.
 Sorva-me num momento: rompa-s'alma,
 Aparte-se de um corpo tam pesado,
 5 Que ma detém por força.
 Ah minha Dona Inês, ah, ah minh'alma!
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
 Minh'esperança só, minh'alégria,
 Mataram-te? mataram-te? tua alma
 10 Inocente, fermosa, humilde, e santa
 Deixou já seu lugar? ah de teu sangue
 S'encheram as espadas? de teu sangue?
 Que espadas tam crueis, que crueis mãos?
 Ah como se moveram contra ti?
 15 Como tiveram forças, como fios
 Aqueles duros ferros contra ti?
 Como tal consentiste, Rei cruel?
 Imigo meu, não pai, imigo meu!
 Porque assi me mataste? ó Liões bravos!
 20 O' Tigres! ó serpentes! que tal sêde
 Tinheis deste meu sangue! por que causa
 Vos não vinheis em mim fartar vossa ira?
 Matáreis-me, e vivera. Homens crueis,
 Porque não me matastes? meus imigos,
 25 Se mal vos merecia, em mim vingáreis
 Esse mal todo. Aquela ovelha mansa
 Inocente, fermosa, simples, casta,

Que mal vos merecia? mas quistes
 Como imigos crueis buscar-me a morte
 Não da vida, mas d'alma. O' Céus, que vistes
 Tamanha crueldade, como logo
 5 Não cahistes? O' montes de Coimbra,
 Como não sovertestes tais Ministros?
 Como não treme a terra, e s'abre tôda?
 Como sustenta em si tam grã crueza?

MESSAGEIRO

Senhor, para chorar fica assaz tempo:
 10 Mas lágrimas que fazem contr'a morte?
 Vai ver aquele corpo, vai fazer-lhe
 As honras, que lhe debes.

IFANTE

Tristes honras!
 Outras honras, senhora, te guardava:
 Outras se te deviam. O' triste, triste!
 15 Enganado, nascido em cruel signo.
 Quem m'enganou? ah cego que não cria
 Aquelas ameaças! mas quem crera
 Que tal podia ser?
 Como poderei ver aqueles olhos
 20 Cerrados para sempre? como aqueles
 Cabelos já não de ouro, mas de sangue?

3. *rompa-se a alma* (frase peninsular): morra.
 10. *santa*: compassiva.
 11. morreu?
 15. *fios*: gumes.
 23-25. Matar-me-feis, e ela viveria... em mim devíeis
 vingar... (S. da S.).

3-8. São personificações *renascentes*.
 6. *sovertestes* (arcaismo): subvertestes.
 7. ...e não se abre tôda?
 17. ...mas quem podia acreditar?...

Aquelas mãos tam frias, e tam negras,
Que antes via tam alvas, e fermosas?
Aqueles brancos peitos traspassados
De golpes tam crueis? Aquele corpo,
5 Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e fermoso, como morto agora,
E frio o posso ver? ai como aqueles
Penhores seus tam sós? ó pai cruel!
Tu não me vias neles? meu amor,
10 Já me não ouves? já não te hei de ver?
Já te não posso achar em tôda a terra?
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
S'achou tanta crueza. E tu, Coimbra,
15 Cubre-te de tristeza para sempre.
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lágrimas: em sangue
Se converta aquela ágoa do Mondego.
As árvores se sequem, e as flores.
20 Ajudem-me pedir aos Céus justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matei, senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o teu amor.
Mas eu me matarei mais cruelmente
25 Do que te a ti matáram, se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Par'isto me dá, Deus, sómente vida.

7-8, como posso ver aqueles filhos seus tam abandonados?

13. Mais uma vez uma personificação *renascente*.
17-19. personificações *renascentes* para patentear acontecimentos trágicos. Vide *Poemas Lusitanos*, I, pág. 237 — nota 16.

Abra eu com minhas mãos aqueles peitos,
Arranque deles ãs corações feros,
Que tal crueza ousáram: então acabe.
Eu te perseguirei, Rei meu imigo.
5 Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruidos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue s'encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
10 Em vingança daquele: ou tu me mata,
Ou fuge da minh'ira, que já agora
Te não conhecerá por pai. Imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'es pai, não sou filho, imigo sou.
15 Tu, senhora, estás lá nos Céus, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá voo.
Tu serás cá Rainha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Ifantes,
Teu inocente corpo será posto
20 Em estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma
Descansar com a tua para sempre.

3. ...*então acabe*: então morro conformado.

5. *bravo*: violento.

6-7. «verão destruidos os teus, que serão outros mortos...» (S. da S.).

10. em vingança daquele sangue...

15-16. ...eu cá fico, em quanto estiver ocupado em te vingar. (Professores Said Ali e Sousa da Silveira). — *logo*: imediatamente.

17-18. «Tu serás cá Rainha, como terias sido, se vivesses, teus filhos sómente por serem teus filhos serão Infantes».

20, como rainha.

TRANSCENDENTALISMO

A J. P. Oliveira Martins

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Caí na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e à Sorte se disputa.

- 5 Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da Ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta...

- 10 Não é no vasto Mundo — por imenso
Que ele pareça à nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, solidade,
Voa e paira o espírito impassível! ⁽¹⁾

NA MÃO DE DEUS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Vitoria de O. M.

- 15 Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

- 20 Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

⁽¹⁾ V. *Anotações*, p. 127.

Como criança, em lóbrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

- Selvas, mares, areias do deserto...
5 Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente! ⁽¹⁾

IGNOTO DEO

- Que beleza mortal se te assemelha,
Ó sonhada visão desta alma ardente,
Que reflectes em mim teu brilho ingente,
10 Lá como sobre o mar o Sol se espelha?

O Mundo é grande — e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na Terra: e eu, pobre crente,
Pelo Mundo procuro um Deus clemente,
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

- 15 Não é mortal o que eu em ti adoro.
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

- Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
20 Descobre-te, visão, no Céu ao menos! ⁽²⁾

⁽¹⁾ V. *Anotações*, p. 130.

⁽²⁾ V. *Anotações*, p. 131.

DO AZUL, NUM SONETO

Verificar o azul nem sempre é puro.
Melhor será revê-lo entre as ramadas
e os altos frutos de um pomar escuro
— azul de tênues bocas desoladas.

Melhor será sonhá-lo em madrugadas,
fresco, inconstante azul sempre imaturo,
azul de claridades sufocadas
latejando nas pedras — nascituro.

Não este azul, mas outro e dolorido,
evanescente azul que na orvalhada
ficou, pétala ingênua, torturada.

Recupero-o, sem ter, é ei-lo perdido,
azul de voz, de sombra envenenada,
que em nós se esvai sem nunca ter vivido.

COÁGULO

De repente direi tudo.
Mas com tanta veemência
e com tamanha aspereza
de expressão e sofrimento,
que terás minha demência
no coágulo sangrento
desabado sobre a mesa.

E sairei pelas ruas
sem saber em que cidade
estive, estou, estarei.
Triste alegre puro impuro

vejo a morte em cada muro
a morte na campainha
ressoando do outro lado.
E estertorando direi
que vejo sangue pisado
nessas ervas pés e mãos
nesses gestos nesses risos
que vejo sangue pisado
até na face do Rei!

De repente, num soluço,
darei tudo quanto existe:
não serei nem bom nem triste.
Serei apenas um grito
doloroso rebentado
na convulsão de um momento.
E o mundo penoso aflito
restará desesperado
num coágulo sangrento.

ELEGIA DO IRMÃO

A memória de João Alphonsus

Ouçó os ventos chorando na tua alma e pelas janelas desce
[a claridade lívida
que prenuncia a aurora ou a despedida. Nas fazendas quietas,
[nos descampados onde a morte passou fecundada de lua,
ouçó os ventos chorando pelo amor ou por Deus, pelas torres
[de oeste,
pelos rios que espelham a tortura dos céus.

Vou cantando? Não sei; apenas me pressinto
pequenino e humilhado, sombra que se refrata em cóleras
[vermelhas,
noite em que há sangue uivando — é preciso violentar as
[artérias da noite,
deixar que o sangue escorra sobre o morto, sobre as mãos em
[que o sono depositou as casas
e as árvores natais.

SONETO I

Gôta de luz no cálice de agosto,
Sabe a lúcida calma o desengano.
Em vão devora o tempo o mês e o ano:
Vindima é a vida, vinho me é o sol-pôsto.

Cobre-se o vale de um rubor humano.
Um beijo sôlto voa no ar, um gôsto
De uva madura, um aroma de mosto
Desce da rubra luz do céu serrano.

Vem, noite grave. E assim chegasse o outono
Meu, tão sutil e manso como agora
Mesmo subiu a sombra serra acima...

Tudo se apague e a hora esqueça a hora,
Que só do sonho eu vivo, e grato é o sono
A quem provou seu dia de vindima.

SONETO II

A quem provou seu dia de vindima,
Votado ao outro lado, ao eco, ao nada,
Grata é a sombra mais longa e o fim da estrada
Comêço de um descer, que é mais acima.

Grave, de uma tristeza inconsolada
Mas fiel, a minha sombra é a minha rima.
Princípio de um além que se aproxima
É o fim, talvez limiar de outra morada.

Gôsto amargo e tão doce de ter sido
Poroso a tudo, alma aberta às auroras
Que hão de nascer, e ao lembrado e esquecido!

Saudade! mas saudade em que não choras
Senão cantando, o próprio mal vivido...
Que as horas voltem sempre, as mesmas horas!

La Haine est un ivrogne au fond d'une taverne,
Qui sent toujours la soif naître de la liqueur
Et se multiplier comme l'hydre de Lerne.

— Mais les buveurs heureux connaissent leur vainqueur,
Et la Haine est vouée à ce sort lamentable
De ne pouvoir jamais s'endormir sous la table.

LXXIV

LA CLOCHE FÊLÉE

IL est amer et doux, pendant les nuits d'hiver,
D'écouter, près du feu qui palpite et qui fume,
Les souvenirs lointains lentement s'élever
Au bruit des carillons qui chantent dans la brume.

Bienheureuse la cloche au gosier vigoureux
Qui, malgré sa vieillesse, alerte et bien portante,
Jette fidèlement son cri religieux,
Ainsi qu'un vieux soldat qui veille sous la tente!

Moi, mon âme est fêlée, et lorsqu'en ses ennuis
Elle veut de ses chants peupler l'air froid des nuits,
Il arrive souvent que sa voix affaiblie

Semble le râle épais d'un blessé qu'on oublie
Au bord d'un lac de sang, sous un grand tas de morts,
Et qui meurt, sans bouger, dans d'immenses efforts.

LXXV

SPLEEN

PLUVIÔSE, irrité contre la ville entière,
De son urne à grands flots verse un froid ténébreux
Aux pâles habitants du voisin cimetière
Et la mortalité sur les faubourgs brumeux.

CAMPOS DE CASTILLA

1907-1917

I

R E T R A T O

Mi infancia son recuerdos de un patio de Sevilla;
y un huerto claro donde madura el limonero;
mi juventud, veinte años en tierra de Castilla;
mi historia, algunos casos que recordar no quiero.

Ni un seductor Mañara, ni un Bradomín he sido
—ya conocéis mi torpe aliño indumentario—,
mas recibí la flecha que me asignó Cupido,
y amé cuanto ellas pueden tener de hospitalario.

Hay en mis venas gotas de sangre jacobina,
pero mi verso brota de manantial sereno;
y, más que un hombre al uso que sabe su doctrina,
soy, en el buen sentido de la palabra, bueno.

Adoro la hermosura, y en la moderna estética
corté las viejas rosas del huerto de Ronsard;
mas no amo los afeites de la actual cosmética,
ni soy un ave de esas del nuevo gay-trinar.

Desdeño las romanzas de los tenores huecos
y el coro de los grillos que cantan a la luna.
A distinguir me paro las voces de los ecos,
y escucho solamente, entre las voces, una.

¿Soy clásico o romántico? No sé. Dejar quisiera
mi verso, como deja el capitán su espada:
famosa por la mano viril que la blandiera,
no por el docto oficio del forjador preciada.

Converso con el hombre que siempre va conmigo;
—quien habla solo, espera hablar a Dios un día—
mi soliloquio es plática con este buen amigo
que me enseñó el secreto de la filantropía.

Y al cabo, nada os debo; debéisme cuanto he escrito
A mi trabajo acudo, con mi dinero pago
el traje que me cubre y la mansión que habito,
el pan que me alimenta y el lecho en donde yago.

Y cuando llegue el día del último viaje
y esté al partir la nave que nunca ha de tornar,
me encontraréis a bordo ligero de equipaje,
casi desnudo, como los hijos de la mar.

II

A ORILLAS DEL DUERO

Mediaba el mes de julio. Era un hermoso día.
Yo, solo, por las quiebras del pedregal subía,
buscando los recodos de sombra, lentamente.
A trechos me paraba para enjugar mi frente
y dar algún respiro al pecho jadeante;
o bien, ahincando el paso, el cuerpo hacia adelante
y hacia la mano diestra vencido y apoyado
en un bastón, a guisa de pastoril cayado,
trepaba por los cerros que habitan las rapaces
aves de altura, hollando las hierbas montaraces
de fuerte olor—romero, tomillo, salvia, espliego—.
Sobre los agrios campos caía un sol de fuego.

Un buitre de anchas alas, con majestuoso vuelo
cruzaba solitario el puro azul del cielo.

NUEVAS CANCIONES

Y más si hubo tormenta en sus orillas,
y él arrastra el botín de la tormenta,
si en su cielo la nube cenicienta
se incendió de centellas amarillas.

Pero aunque fluya hacia la mar ignota,
es la vida también agua de fuente
que de claro venero, gota a gota,

o ruidoso penacho de torrente,
bajo el azul, sobre la piedra brota.
Y allí suena tu nombre ¡eternamente!

IV

Esta luz de Sevilla... Es el palacio
donde nací, con su rumor de fuente.
Mi padre, en su despacho.—La alta frente,
la breve mosca, y el bigote lacio—.

Mi padre, aún joven. Lee, escribe, hojea
sus libros y medita. Se levanta;
va hacia la puerta del jardín. Pasea.
A veces habla solo, a veces canta.

Sus grandes ojos de mirar inquieto
ahora vagar parecen, sin objeto
donde puedan posar, en el vacío.

Ya escapan de su ayer a su mañana;
ya miran en el tiempo, ¡padre mío!,
piadosamente mi cabeza cana.